

**Onde os começos? (50')**  
**E<sup>2</sup> Cia de Teatro e Dança**  
**Espaço Kasulo**

De início uma instigante paisagem cênica se descortina, apontando para uma proximidade dos criadores com trabalhos em artes visuais.

O impacto visual é grande, em tapete especialmente produzido para a obra trabalhado em camadas- sacos de lixos colados e superpostos, pelos quais se produz o efeito de um micro deserto que não para de se mover, pois fragmentos de matéria plástica se soltam pelo atrito dos corpos e ação de ventiladores funcionando à esquerda do espaço.

De pronto, já temos aqui, uma discussão sobre mobilidade e imobilidade e da presença de movimento, mesmo pequeno ou pouco acessível a nossos sentidos, presença em todo o tipo de sistema, natural ou artificial, como, por exemplo, na arte.

Este debate vai se configurar na dança dos dois artistas, em cena, alternando movimentos imperceptíveis (ou quase) com dinâmicas mais vigorosas, como aquelas que informam o solo realizado pelo bailarino fora do tapete/deserto, quando o mesmo estabelece um recorte à boca da cena.

Na paisagem lunar, as dinâmicas delicadas pressupõem uma grande concentração por parte dos intérpretes, mediante uma escuta refinada de seus espaços interiores, fonte do processo de improvisação que deve ter sido fundamento para a criação.

Esta concentração se manifesta de maneira intensa antes da entrada da bailarina, quando o intérprete sozinho escuta seu corpo e o silêncio. Com a presença da outra artista em cena, estabelece-se uma tensão entre o duo, e a obra torna-se mais interessante,

ainda que os seus integrantes levem tempo para interagir mais diretamente.

Toda a obra é feita a partir de uma intensa escuta de si, o que traz a ela uma de suas qualidades, mas também suas fragilidades.

A estratégia do olhar que se apaga para não se focar o outro em cena, ou mesmo o público, desgasta-se por não se estabelecerem os objetivos desta opção.

As quase onipresentes máscaras faciais mais neutras estarão a serviço de quais conteúdos dramáticos? São índice de uma tendência de dança? Significam uma profunda concentração na estrutura do que se realiza? O que têm a dizer em relação ao que deu origem a este espetáculo, o conto “Teologia Natural” de Hilda Hilst?

Estas questões ficam no ar e esvaziam os conteúdos da obra, e nos perdemos na observação do cenário visual que ela nos propõe.

Quando da entrada da bailarina, estabelece-se um diálogo à distância, e uma tensão que recoloca o nosso olhar sobre o palco, que como paisagem visual, já foi palmilhado por todos do público, durante um tempo considerável.

A estrutura de sua dança assemelha-se às estruturas de suas outras obras solas e àquelas de suas participações colaborativas em espetáculos de outros coreógrafos da cena paulistana.

Bem executada, não vislumbramos no entanto, o nexos de sua inserção na dinâmica maior da obra.

O trabalho, como um todo, tem uma resolução cenográfica de excelência e ponto de partida literário de qualidade, mas parece carecer de assuntos temáticos estruturados na “carne da coreografia”, restando a sensação de um trabalho corporal em

desconecção com conteúdos dramaturgicos que se parece querer encenar.

Excepcionalmente, o *pas de deux* que os dois intérpretes realizam, ombro a ombro, remete-nos, no entanto, a significância das relações, mesmo aquelas mais insignificantes, apontando-se para um tema anunciado no programa da obra.

Em marcha que os une pelos ombros caminham pela paisagem branca, em relação possível de tensão delicada.

Neste momento, a cena se transforma em paisagem coreográfica mais intensa, a paisagem visual de grande impacto cedendo lugar à dança. Temos um pré-configuração de conflito – “ombro a ombro”, “lado a lado”, que breve irá se dissolver em linearidades minimalistas, como os pedacinhos de plástico que se descolam, pouco-a-pouco do tapete cenográfico.